Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores Municipais de Canoas - RS

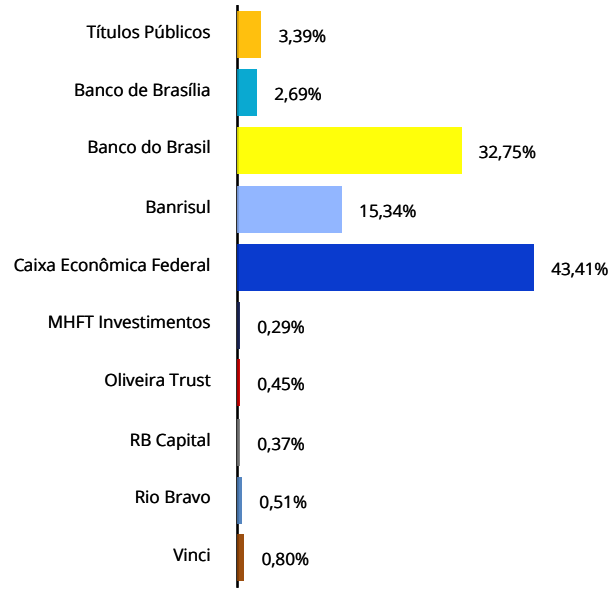
Relatório da Carteira de Investimentos

OUTUBRO

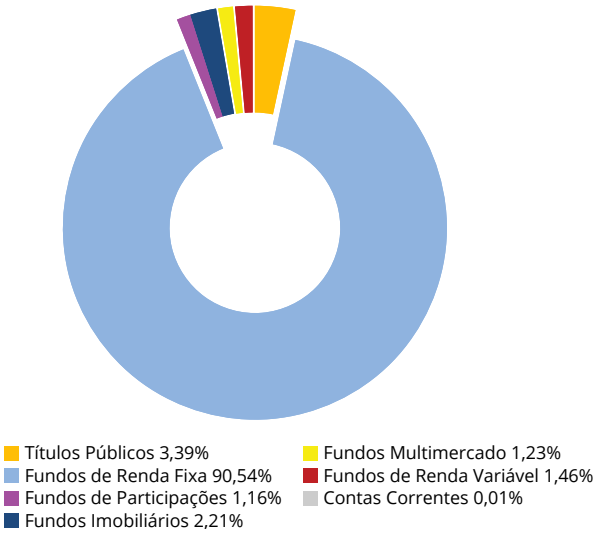
Os recursos do CANOASPREV são aplicados respeitando os princípios de segurança, legalidade, liquidez e eficiência.

A diretoria do Instituto, assessorada pela SMI Consultoria de Investimentos, vem buscando estratégias para que as necessidades atuariais do Instituto sejam alcançadas de acordo com os prazos estabelecidos. Neste mês a carteira de investimentos está distribuida da seguinte forma:

Distribuição da Carteira por Instituição Financeira



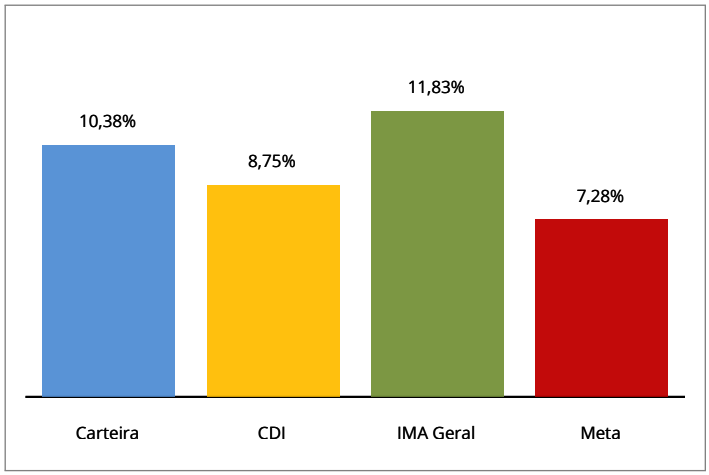
Distribuição da Carteira por Segmento



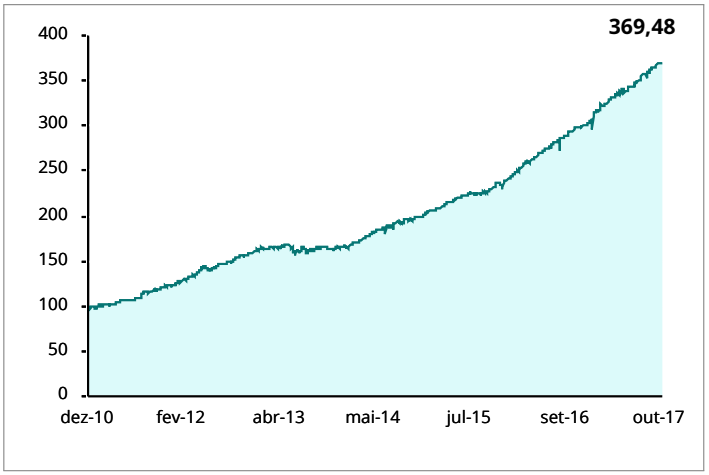
HISTÓRICO DE RENTABILIDADE

COMPARATIVO	NO MÊS	NO ANO	EM 252 DIAS ÚTEIS
CANOASPREV	**0,55%**	**10,38%**	**12,16%**
CDI	0,65%	8,75%	11,16%
IMA Geral	0,13%	11,83%	14,06%
Meta Atuarial - IPCA + 6 %	0,91%	7,28%	8,89%

Carteira x Indicadores em 2017



Evolução do Patrimônio (em R$ Milhões)



Análise de Desempenho: A carteira do CANOASPREV tem como principal objetivo superar a Meta Atuarial.

SMI Consultoria de Investimentos
Fone: 48 3027 5200
www.smiconsult.com.br

Análise Macroeconômica

Na economia americana, a reunião do mês de outubro do FOMC (o Comitê de Política Monetária do Banco Central americano) não trouxe surpresas: manteve a taxa de juros no intervalo entre 1% e 1,25% e sinalizou que o próximo passo do Banco Central será de elevar a taxa básica de juros. Assim, é amplamente esperado que na reunião de dezembro, o juro suba em um "baby step", para o intervalo de 1,25% a 1,5%. Ainda na política monetária, houve grande especulação sobre o próximo presidente do Federal Reserve – o mandato de Janet Yellen, a atual presidente, termina em fevereiro. No início de novembro, Trump decidiu pela indicação de Jerome Powell, atual membro do Board of Governors (grupo de membros fixos do FOMC), que acompanhou as últimas decisões de política monetária. Desta maneira, o Fed deve manter a postura de cautela no aumento de juros, provavelmente elevando a taxa básica outras 3 vezes no próximo ano.

O Banco Central Europeu anunciou a primeira mudança em sua política monetária: a partir de janeiro do próximo ano, passará a comprar 30 bilhões de euros por mês em ativos, reduzindo do montante atual de 60 bilhões de euros por mês. Por outro lado, a comunicação mostrou disposição do Banco Central em estender o programa, ou mesmo aumentar as compras mensais, caso avalie como necessário.

Na China, o Congresso do Partido Comunista confirmou Xi Jinping como líder do país e escreveu seu nome na Constituição, reforçando seu poder. Em termos de sinalização econômica, pouca coisa foi feita. A perspectiva permanece de desaceleração gradual do crescimento do país.

No Brasil, outubro foi um mês de frustração com a demora na votação da segunda denúncia contra Temer, com a piora da votação favorável a ele e a constatação de que nada ou muitíssimo pouco avançará na reforma da previdência. A proximidade do final do ano diminui o tempo para aprovação e a proximidade das eleições de 2018 coloca pressão sobre os parlamentares, que têm medo de aprová-la e perder votos.

As agências de risco devem rebaixar o Brasil caso a reforma não ande até o final do ano. Por outro lado, apesar de alguns reajustes em preços administrados (combustíveis e conta de luz), as perspectivas para a inflação permanecem favoráveis e evoluíram conforme o esperado. Isso deu espaço para que o Banco central reduzisse a meta da taxa Selic para 7,5% - conforme também já era amplamente esperado por todo o mercado – e mantivesse a sinalização de que um corte de juros em dezembro para 7% está praticamente garantido. Além disso, o Banco Central ainda não tem certeza sobre como será o final de seu ciclo de corte de juros – poderá reduzir a Selic novamente em fevereiro, ou não. Nossa visão é de que haverá este corte adicional, colocando a taxa em 6,5%.

A redução corrente dos juros juntamente com a queda da inflação, abriu espaço para a retomada do crescimento econômico – cada vez mais, as projeções de PIB para 2018 são revisadas para cima. Nossa projeção atual é de crescimento de 3,2%, puxado principalmente pelo consumo. O mercado de trabalho também vem trazendo surpresas positivas, com a taxa de desemprego caindo a 12,4% no trimestre encerrado em setembro, de 13% no trimestre encerrado em junho e 13,7% no encerrado em março, pico da série. A taxa de desemprego que não pressiona a inflação parece estar em torno de 9%, o que indica que há bastante ociosidade do mercado de trabalho a ser reduzida, corroborando a perspectiva de que o juro pode ir a 6,5%.

A medida que o tempo passa, as atenções tendem a se voltar para as eleições de 2018 e os possíveis presidenciáveis. As pesquisas mostram como nomes mais fortes o ex-presidente Lula, o deputado federal Jair Bolsonaro, e candidatos mais próximos ao establishment da política com pouca força. Especulações muito intensas de que o apresentador de TV Luciano Huck (sem partido) teria interesse em concorrer à presidência. Tanto Lula como Bolsonaro são, atualmente, os candidatos mais fortes. Ambos devem, gradualmente, partir para posicionamentos econômicos mais próximos ao "mainstream". Aparentemente, Bolsonaro já iniciou este movimento.

Projeções 2017 | 2018
PIB (% de crescimento): 0,7 | 3,2
IPCA (%): 3,0 | 4,2
Meta Taxa Selic (%): 7,0 | 6,5

Renda Fixa

O mês de outubro foi um pouco tenso. Nos EUA, a aprovação do orçamento para 2018 pelo Senado americano abriu as discussões para a reforma fiscal de Donald Trump. A proposta visa o corte de impostos com o objetivo de estimular o crescimento econômico. Esse fator, assustou um pouco o mercado pois o crescimento acelerado da economia americana aceleraria o aumento dos juros. Como se não bastasse isso, a indefinição de quem seria o sucessor da Janet Yellen no FED também trouxe tensão. Pois, dependendo do sucessor, o ritmo do aumento dos juros pode ficar mais acelerado. Dessa forma, o futuro da política monetária dos EUA, somado a reforma fiscal de Trump, motivou os investidores a realizarem parte dos seus ganhos obtidos em 2017. No cenário local, a principal decepção será com a não aprovação da Reforma da Previdência ainda em 2017. Risco que aumentou ao longo de outubro.

Diante dos fatos, o real se depreciou frente ao dólar. A moeda americana subiu 3,44% no mês, cotada a R$ 3,2769.

Ao longo de quase todo o mês de outubro a curva de juros se manteve estável com viés de queda, com o Jan21 chegando a operar abaixo de 8,80%.

Após a votação no congresso pelo arquivamento do processo contra o presidente Temer, junto com a expectativa sobre a escolha do próximo presidente do FED nos EUA, o mercado rapidamente iniciou um processo de fechamento de posições ativas em juros, principalmente por parte de investidores estrangeiros. Em dois dias o F21 saiu de 8,90% para 9,30%, questionando o futuro da liquidez mundial e a disposição do governo de aprovação de uma reforma da previdência mesmo que fraca. Apesar do discurso do Copom em linha com as expectativas do mercado, esse movimento acionou stop loss de vários players importantes levando a perdas inesperadas nas posições de renda fixa.

Reduzimos a nossa exposição em RF por conta do aumento da volatilidade nos DIs futuros, porém continuamos convictos na manutenção da liquidez mundial, o que continuará a trazer dinheiro para o país. Mesmo com a não aprovação da reforma previdenciária até o final deste ano, achamos que os fundamentos brasileiros ainda estão dependentes do resultado das eleições do ano que vem. Estamos esperando mais volatilidade para o mês de novembro e nos seguintes até que se defina melhor o cenário eleitoral. Acreditamos na vitória de um candidato que atue em linha com as reformas fiscais que o país tanto precisa. Cenário de médio longo prazo continua positivo para Brasil.

Renda Variável

Na B3 a primeira quinzena de outubro foi a continuidade da euforia de setembro onde o Ibovespa chegou a ter 5,50% de alta. Já na segunda quinzena toda esta alta foi devolvida e, no mês, o índice acabou fechando na neutralidade. Em relação aos fatos que culminaram neste comportamento do mercado, citamos, no front doméstico, a segunda denúncia ao presidente Michel Temer que não passou na Câmara, mas o desgastou ainda mais, vendo sua base se fragilizar as vésperas de uma nova corrida eleitoral, comprometendo por consequência o avanço das reformas. Já no âmbito internacional, na China tudo dentro do esperado com a manutenção do atual líder à frente do comando e resultados positivos da economia. Europa mantendo forte gradualismo na política monetária. Já nos EUA a escolha do novo presidente do Fed e o novo plano tributário, nos trazem dúvidas quanto aos gradualismos do aumento dos juros e da redução do Quantitative Easing (QE), sendo estes dois gatilhos importantes para o aumento da aversão a risco global.